

de regularização das terras da Amazônia foi um passo importante. No tocante à legislação trabalhista, o desafio é maior, já que nem consta da agenda um debate que mostre a necessidade de adequação das leis trabalhistas às particularidades da atividade rural.

Será que isso está sendo observado neste acordo? Ou de uma hora para outra quem vive da pecuária consolidada na região amazônica terá que abandonar a atividade de vez? Somos contra o desmatamento da floresta, todavia é preciso respeitar quem já está instalado lá e apoiá-lo para que fique adequado às legislações.

Este caso também é um nítido exemplo da desunião do setor rural. O êxito de um projeto sustentável requer a participação de todos. O fato é que se os produtores não se conscientizarem que precisam se unir para negociar e comunicar a situação não mudará. Continuarão liderados em vez de serem protagonistas nas questões socioambientais, absolutamente inerentes ao negócio hoje.

Sem articulação, permaneceremos seguindo uma agenda imposta por públicos antagonistas, como ONGs estrangeiras, que fecham os olhos para existência de milhões de pessoas que vivem do agro, bem como para os benefícios socioeconômicos que o setor transfere para a sociedade.

A construção de estradas, ferrovias e usinas hidroelétricas, por exemplo, assim como agricultura e pecuária, são iniciativas que inevitavelmente geram alguma intervenção ambiental.

Contudo, são ações, que devem ser precedidas de estudos, que avaliem o grau de interferência e respectivas formas de compensação ambiental. É estimular o manejo sustentável em favor do equilíbrio entre as necessidades da população brasileira e o cuidado com os recursos naturais.

É assim que deve ser feito. Com diálogo. Infelizmente, este acordo da carne pecou por ignorar o pecuarista. ■

* Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)

Opinião

Brasil olímpico



João Sampaio*

O BRASIL emerge da lista dos países em desenvolvimento como a “bola da vez”. Sediaremos os Jogos Mundiais Militares em 2011, a Copa do Mundo em 2014 e o maior encontro do esporte mundial, as Olimpíadas, em 2016. É uma sequência de eventos que coloca o País na vitrine. Mas o que tem a ver o agronegócio com tudo isso? Assim como nos esportes, na produção agropecuária, o Brasil também assume o lugar mais alto do pódio, mas o caminho não tem sido fácil.

A internacionalização das nossas empresas, acentuada pela recente compra da Pilgrim's pelo JBS Friboi e a fusão deste com o Bertin, formando a maior empresa de carnes do mundo, mostra que atingimos um estágio jamais imaginado. O Grupo Marfrig que acaba de adquirir a Seara e a composição de Sadia e Perdigão na Brasil Foods são casos emblemáticos. A rapidez com que essas empresas alcançaram mercados e se agigantaram é comparável a Usain Bolt, o velocista jamaicano que bate seus próprios recordes sucessivamente. Há dez anos, a indústria de carnes brasileira sequer tinha capital aberto na Bolsa de Valores, o crescimento veloz e competitivo faz de nós alvo de muitos competidores.

No campo dos combustíveis, o primeiro carro *flex fuel* do país foi lançado em março de 2003, hoje a frota nova brasileira está próxima de 100% e o etanol é

a mais viável fonte de energia renovável do mundo. As empresas sucroalcooleiras são autossustentáveis, geram a energia necessária para produzir a partir do bagaço de cana e ainda sobra para a venda no mercado de eletricidade. Tudo começou há menos de 15 anos com a Usina Santa Elisa, no interior de São Paulo. O pulo de eficiência energética é comparável ao salto da nossa Maurren Maggi.

Mas os esportes olímpicos e o agronegócio têm em comum o fato de ambos padecerem da mesma falta de infraestrutura, apoio logístico e investimento em publicidade.

Para a formação do atleta olímpico, é imperativo boa educação aliada à prática de esportes entre os jovens, o incentivo aos jogos estudantis, criação de locais de treinamento dentro das comunidades. O atleta amador é o futuro medalhista. Para criar o ambiente propício, prescindimos de saneamento básico, habitação e segurança.

No agronegócio ocorre o mesmo. Os nomes de algumas empresas brasileiras cintilam nos painéis luminosos das principais bolsas de valores do mundo, mas para que outras cheguem lá, muita coisa ainda precisa ser feita. Um caminhão carregado de soja leva cinco dias de Mato Grosso ao Porto de Paranaguá, no Paraná. A aftosa e a falta de um sistema de rastreabilidade e certificação condizente com o nosso tamanho, impede que exportemos a carne e o boi verde brasileiro para os Estados Unidos e o Japão.

A superação de esportistas e produtores rurais é fruto da vontade de um e do empreendedorismo do outro. A diferença entre atleta e agricultor reside está na chegada do sucesso. No primeiro caso, a imprensa noticia e festeja, os patrocínios aparecem e os governantes prestam homenagens. No segundo, passamos de vitrine a vitraça, a propaganda é contra, com denúncias de ONGs e imagens degradantes. Parecem vender mais do que a nossa própria produção. Somos vítimas do próprio sucesso. Neste campo, o setor ainda precisa mostrar quais são e como se superam os obstáculos na maratona da produção. ■

* Produtor rural e secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo